

LEVANTAMENTO HISTÓRICO DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS

Ana Paula Silva Ferreira¹

Janzila Bezerra Gomes²

RESUMO

Percebe-se que os animais oferecem grandes contribuições ao restabelecimento da saúde de pacientes hospitalizados ou não. De acordo com as diversas teorias, a presença dos animais provoca reações positivas no humor, bem-estar físico e psicológico e promove um avanço na socialização e outras inúmeras contribuições. A Terapia Assistida por Animais (TAA) teve sua primeira divulgação em 1792 na Inglaterra por Willian Tuke, é uma ferramenta de apoio à psicologia clínica onde o animal é a principal ferramenta de trabalho, é uma prática com objetivos claros e definidos. Portanto, o objetivo deste artigo foi realizar um levantamento histórico da Terapia Assistida por Animais com finalidades terapêuticas, sintetizado por décadas. A metodologia adotada para esse estudo foi de uma revisão bibliográfica. Os materiais foram livros, teses e dissertações, disponíveis em banco de dados científicos tais como: Scielo, Bireme, Biblioteca Pública de Saúde, Pepsic e Lilac's p. Através do levantamento histórico da TAA foi possível analisar suas contribuições à saúde ao longo dos anos. Trata-se de uma ferramenta utilizada por vários profissionais de várias áreas diferentes, principalmente nas áreas de saúde mental e com crianças. A partir do trabalho realizado, espera-se divulgar a Terapia Assistida por Animais nos hospitais de Macapá e do interior do estado, como uma ferramenta de apoio à psicologia clínica, através de uma descrição de seu histórico sintetizado por décadas.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Clínica. Terapia Assistida por Animais. História da Psicologia.

ABSTRACT

It is noticed that the animals offer great contributions to the restoration of the health of hospitalized patients or not. According to various theories, the presence of animals provokes positive reactions in mood, physical and psychological well-being and promotes an advance in socialization and other innumerable contributions. The Animal Assisted Therapy (TAA) was first published in 1792 in England by Willian Tuke, is a tool to support clinical psychology where the animal is the main tool of work, is a practice with clear and defined objectives. Therefore, the objective of this article was to perform a historical survey of the Therapy Assisted by Animals for therapeutic purposes, synthesized for decades. The methodology adopted for this study was a bibliographical review. The materials were books, theses and dissertations, available in scientific databases such as: Scielo, Bireme, Public Health Library, Pepsic and Lilac's p. Through the historical survey of the TAA it was possible to analyze its contributions to health over the years. It is a tool used by several professionals from several different areas, mainly in the areas of mental health and with children. From the work done, it is expected to disseminate Animal Assisted Therapy in the hospitals of Macapá and the interior of the state, as a tool to support clinical psychology, through a description of its history synthesized for decades.

KEY WORDS: Clinical psychology. Animal-Assisted Therapy. History of Psychology.

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Estácio de Macapá; anapsferreira2014@gmail.com

² Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Estácio de Macapá; janzila@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Sabe-se que hoje a busca por humanizar o tratamento daqueles que necessitam dos serviços estão ocorrendo de forma gradativa e inúmeras são as práticas ditas não convencionais, mas que estão cada vez mais chamando a atenção de pesquisadores e profissionais da área, desta forma, a Terapia Assistida por Animais (TAA) está englobada nessa prática inovadora, a fim de proporcionar o bem-estar físico, mental e social do paciente.

Foi necessário fazer um apanhado de outras práticas ditas não convencionais e que podem trazer benefícios á saúde daqueles que são assistidos pela prática, como é o caso da arte-terapia. A arte-terapia se configura como o uso de inúmeras ferramentas a fim de proporcionar a livre expressão de sentimentos dos pacientes, seja hospitalizado ou não.

A escolha por aprofundar estudos sobre a Terapia Assistida por Animais partiu primeiramente de um interesse pessoal que surgiu através da convivência cotidiana com esses seres e os benefícios vivenciados por esta relação. O segundo motivo foi aprofundar e dar ênfase ao tema correlacionando com a psicologia clínica, pois a Terapia Assistida por Animais é um assunto pouco difundido em Macapá, e desta forma, ampliam-se os estudos e confere relevância a um possível recurso terapêutico diferenciado e inovador dentro do campo de atuação da psicologia clínica, através de um levantamento histórico acerca da prática, atribuindo uma real seriedade de se fazer esse levantamento para se refletir a importância de conhecer. Sendo assim, este trabalho permite ao leitor refletir sobre as potencialidades da prática e suas contribuições ao longo dos anos.

O artigo foi realizado através de uma revisão bibliográfica com análise de informações fornecidas por livros e artigos científicos relacionados à Terapia Assistida por Animais como apoio à psicologia clínica.

Considerando o grande valor que os animais possuem na vida das pessoas, busca-se dar destaque a prática que já ocorre há séculos, mas é pouco conhecida entre profissionais e a comunidade em geral, desta forma Machado, et al. (2008) afirmam que há bons profissionais da área da saúde que se interessam pela prática, mas não tem conhecimento sobre os animais, por outro lado, há profissionais da medicina veterinária que conhecem bem o animal mas sabem pouco sobre os seres humanos. O caminho para avançar parece ser mesmo o trabalho com as universidades. Por consequência dessa não inserção da prática nos centros de formação profissional, o histórico da Terapia Assistida por Animais torna-se importante, pois traz ao leitor dimensões acerca da realização e das implicações que possam ocorrer.

Dentro dessa perspectiva, o objetivo deste estudo foi realizar um levantamento histórico da Terapia Assistida por Animais e dissertar sobre suas características e

contribuições à psicologia clínica. Para isso, foi necessário sintetizar a utilização de animais na saúde por décadas, a fim de compreender e identificar toda sua trajetória percorrida até que se chegasse aos dias atuais.

METODOLOGIA

O presente artigo trata-se de uma revisão bibliográfica, e teve como objetivo realizar o levantamento histórico da Terapia Assistida por Animais com finalidades terapêuticas, sintetizado por décadas. Para Gil (2010), a revisão bibliográfica é caracterizada pela utilização de dados que já foram publicados, empregando-se de um método como um levantamento histórico que é definido por Marconi e Lakatos (2010) como uma ferramenta que investiga as influências de dados mais antigos nos dias atuais.

Para composição deste referencial teórico foram utilizadas diversas fontes tais como livros, artigos, impressos, publicações periódicas e materiais disponíveis no ambiente virtual nas bases de dados Scietific Eletronic Library Online (SciELO), Literatura Latino Americana em Ciências da Saúde (Lilac) e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (Pepsic).

Para a seleção dos materiais, foram utilizados como critérios, autores que realizaram análise e descrição sobre a história da terapia assistida por animais.

Para a seleção de materiais, os critérios para inclusão foram divididos em três eixos:

Critério temático: Materiais referentes ao tema proposto a partir das palavras-chave: Psicologia clínica. Terapia Assistida por Animais. História da Psicologia.

Critério linguístico: Materiais encontrados na Língua Portuguesa e Inglesa.

Critério Cronológico: Segundo Marconi e Lakatos (2010) pode-se utilizar textos mais antigos para averiguar as influências que exercem nos dias atuais, em decorrência da afirmação não será delimitada uma data cronológica, tendo em vista que o presente artigo trata-se de um levantamento histórico.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Estácio de Macapá, obtendo o Certificado de Isenção sob o número 032/2017 no qual constatou-se que este estudo não oferece riscos por não envolver a participação de seres humanos, sendo também dispensada a utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

1 DISCUSSÃO

1.1 ARTE-TERAPIA

Para ter um maior entendimento sobre a Terapia Assistida por Animais (TAA) é necessário realizar uma discussão acerca da arte-terapia que é considerada uma prática não convencional e que serve de apoio aos tratamentos de pessoas hospitalizadas ou não.

As teorias de Freud e Jung trouxeram bases para um trabalho inicial com arte-terapia, onde, para Freud sobre a luz da teoria psicanalítica, acreditava que o inconsciente se expressa através de imagens feitas e dava um suporte privilegiado do inconsciente, pois não haveria censura. A expressão artística seria como um espelho estabelecendo diálogos entre conscientes e inconscientes. E essa atividade possibilitaria a projeção do inconsciente. Para Jung as imagens seriam uma simbolização do inconsciente pessoal ou coletivo, assim o homem teria a oportunidade de organizar seu interior através da expressão artística (REIS, 2014; VASQUES, 2009).

Para Vasques (2009) as atividades de arte-terapia cobrem um amplo campo da experiência humana, incluindo experiências perceptuais, motoras, simbólicas e afetivas. Por esta razão, se torna suscetível no tratamento dos mais diversos problemas que afetam o ser humano, em todas as faixas etárias, sendo, portanto, de grande relevância para a assistência em saúde coletiva, podendo ser incluídas nas atividades de equipes multidisciplinares, especialmente na área de Saúde Mental.

Nise da Silveira, que atuou como psiquiatra no hospital Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, no final da década de 1940, demonstrou insatisfação com o tratamento empregado aos pacientes, por isso optou por seguir os caminhos da terapia ocupacional, buscando interagir com os doentes mentais. Aplicou diversas atividades com os pacientes através da música, do teatro, da pintura, entre outras. Acreditava-se que tais atividades proporcionavam a busca de uma liberdade para os pacientes (LIMA, 2016).

Diante do exposto percebe-se que a arte-terapia é descrita como uso de recursos artísticos para fins terapêuticos:

Na arte-terapia não se tem uma preocupação estética, apenas em expressar sentimentos. Esta cartase pode proporcionar ao indivíduo possibilidades de se reorganizar internamente, pois a atividade artística por si só é regeneradora. No processo criativo poderíamos dizer que o inconsciente se liga a um arquétipo o expressando numa atividade simbólica e assim somos forçados a nos confrontar com as facetas de nosso ítimo (PEREIRA e FIRMINO, 2010, p. 14).

Moreira (2007) afirma que historicamente a arte tem sido um canal que possibilita a expressão de sentimentos, desde os primórdios, se tem relatos do uso da arte para expressar

sentimentos psíquicos. A arte-terapia surge como uma oportunidade de organização de afetos e emoções da personalidade, sendo um recurso poderoso na mobilização do processo interno que faz parte do homem.

Segundo Latterza (2010) a arte-terapia é mais uma opção de apoio a tratamentos convencionais, e pode ser ministrada em grupo ou individualmente. Para o êxito do tratamento é essencial criar mecanismos para compreender essa prática. Nesse aspecto, o papel do psicólogo é relevante para o desenvolvimento da arte-terapia, que faz parte do sujeito e de seu funcionamento psíquico. Diante disso a autora afirma:

A arte-terapia compreende várias técnicas que podem e devem ser adaptadas à cada realidade hospitalar. Ao decodificar o termo arte-terapia, em sua raiz tem-se: Arte: entendida como tendo a função de interpretar o mundo, provocar emoção, reflexão, explicar e refletir as histórias humanas, representar crenças e homenagear ideias e pessoas. E o sufixo terapia: compreende a dimensão psíquica sem a qual nenhuma modificação duradoura do comportamento poderia ser considerada. Assim o trabalho em arte terapia centra-se no sujeito pesquisado, a fim de que ele encontre e elabore um universo de imagens significantes de seus conflitos subjetivos. A arte humaniza o homem. Com arte você pode ousar, mexer, brincar, sofrer, modificar, criar de novo, etc. A linguagem artística permite que a criança exteriorize as emoções. Trabalha também a autoestima e a autoconfiança. (LATTERZA, 2010, p. 7).

Para facilitar o trabalho em arte-terapia é importante a utilização de diversos materiais expressivos, pois assim, abrange muitas possibilidades e atende ao gosto de cada paciente. Segundo Pereira e Firmino (2010) através destes materiais, é possível que surjam os símbolos necessários, para que cada indivíduo entre em contato com aspectos a serem compreendidos e transformados.

De acordo com Backes et al. (2003) inúmeros são os métodos englobados na arte-terapia, como a musicoterapia, sendo uma técnica bastante promissora que é considerada uma abordagem terapêutica que não só apenas contribui na humanização dos cuidados em saúde, mas também constitui uma forma inovadora, simples e criativa para o alívio da dor, tratamento de distúrbios psicossomáticos, físicos e espirituais, uma sensação de paz, alegria, tranquilidade, descontração e bem-estar, mas sempre é importante levar em consideração o contexto que se está inserido.

Para Freitas et al. (2013) a música tem poder de proporcionar reações emocionais no indivíduo, que refletem na melhora aos acometimentos biológicos com reflexo intenso nas reações psicológicas, proporcionando aumento significativo na qualidade de vida e promoção de vínculos de sociabilidade. Propondo uma atuação interdisciplinar à vários contextos, Chaga e Pedro (2008, p. 47) relatam o seguinte:

Musicoterapia é um campo de conhecimento que apresenta diversas formas de integração de saberes. Conjugando outros campos de saber, elaborando

sínteses e construindo um novo conhecimento, a musicoterapia é um exemplo de um híbrido interdisciplinar.

Segundo Zanetti (2008) a psicologia pode estabelecer uma conexão com a musicalidade como um novo campo terapêutico aplicado à saúde pela multiplicidade de adversidades e perdas subjacentes implicadas em rupturas marcadas pelas angústias, receios e inseguranças. Por esta razão, entre outras, o psicólogo assume um posicionamento como mediador nas inter-relações do processo dialético do cuidado e do cuidador, sendo-lhe conferida a função de facilitador e restaurador dos conteúdos psíquicos expostos no processo relacional e intrapsíquico de cada um dos envolvidos.

Zanetti (2008) descreve que a musicoterapia pode se configurar como uma grande aliada da psicologia, bem como para outras especialidades que considerem o desenvolvimento terapêutico do cuidado como uma possibilidade na construção ou no resgate interativo de atitudes saudáveis que viabilizam o acesso à condição afetiva e transferencial de bem-estar do paciente.

Para Peron et al. (2004) a utilização de tratamentos alternativos, implantados cautelosamente só traz benefícios para a saúde de quem os utiliza, quando empregado de forma inadequada traz danos à saúde. O que deixa de conduzir o resultado esperado, se deve ao fato do paciente já sentir uma melhora, onde se ausenta do tratamento antes de atingir o propósito da prática.

Vale ressaltar que, segundo Carvalho (2014) é importante ter um conhecimento abrangente sobre a ferramenta que está sendo utilizada. O terapeuta precisa passar por treinamentos e cursos, a fim de se tornar um arteterapeuta ou musicoterapeuta.

De acordo com a resolução 010/ 97 no Art. 2º, as técnicas e práticas que ainda não foram reconhecidas como integrantes da prática profissional, precisam contemplar determinadas exigências, como estar em processo de pesquisa e que estejam de acordo com a ética profissional. A resolução considera que o psicólogo ao utilizar as técnicas e práticas ainda não reconhecidas como integrantes da prática profissional, necessitam informar junto ao CRP sobre a utilização, como também informar ao paciente sobre suas contribuições (CFP,1997).

1.2 TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS

De acordo com a instituição norte americana Delta Society, conhecida por seu trabalho terapêutico com animais, define em 1996 duas terapias com nomenclatura diferentes que

oferecem uma relação facilitada com animais treinados em contextos da saúde. Ambos incluem a visita de animais, porém há algumas diferenças importantes a serem levadas em consideração. A Terapia Assistida por Animais (TAA) que é nosso foco de pesquisa é um tipo de terapia com objetivos pré-definidos e níveis de tratamento específicos, de acordo com o perfil do paciente, juntamente com a elaboração de relatórios a cada atendimento, que é mediada por uma equipe multidisciplinar, onde o papel do psicólogo é indispensável, juntamente com o acompanhamento de um médico veterinário ao animal. (NOGUEIRA e NOBRE, 2015; REED, FERRER e VILLEGAS, 2012).

Para Pereira, Pereira e Ferreira (2007) a Terapia Assistida por Animais é uma intervenção direcionada e é definida como ferramenta de apoio à psicologia clínica onde os animais fazem parte do tratamento, com intenção clara, podendo ser realizada de diversas formas sendo individual ou em grupo, com objetivo de gerar saúde emocional, física e social. Essa prática precisa ser documentada, planejada e seus resultados avaliados.

Para se realizar a TAA existe um protocolo a ser seguido onde o animal precisa ser acompanhado e avaliado por um médico veterinário para receber a liberação e poder fazer visitas. Porém é contraindicada quando pacientes tem alergias, problemas respiratórios, medo de animais, pacientes com baixa resistência e pacientes agressivos que possam machucar os animais. (PEREIRA, PEREIRA e FERREIRA, 2007).

A TAA pode ser entendida como uma busca em humanizar os atendimentos, por tal motivo é necessário acima de qualquer coisa, respeitar a decisão do paciente com relação ao tratamento a ser seguido, trazendo uma tranquilidade e uma motivação do mesmo a adesão de um tratamento. De acordo com (CRIPA e FEIJÓ, 2014, p.16).

A Organização Mundial da Saúde define a saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades. Em função desta proposição, a saúde tornou-se um direito fundamental do ser humano, que deve ser assegurado sem distinção. Tornou-se um valor coletivo, devendo cada um gozá-la de forma individual (não causando prejuízo a outrem) e, solidariamente, com todos. Torna-se hodiernamente, muito importante tratar o paciente de forma integral buscando alcançar melhorias dentro de um ambiente que propicie sua tranquilidade e motive-o a adesão a um possível tratamento.

Para Cripa e Feijó (2014) diversos serviços podem ser ofertados para a busca de uma melhora física, mental e social do paciente, inclusive a adesão da Terapia Assistida por Animais como apoio à psicologia clínica.

Segundo Caetano (2010) torna-se relevante conhecer de fato como funciona a ferramenta e suas implicações, pois em uma organização como a TAA é importante um bom planejamento para que os objetivos sejam alcançados e isto demanda principalmente que se

estude e se tenha conhecimentos sobre atividades que possam ser desenvolvidas, juntamente com a presença de profissionais de várias áreas a fim de proporcionar uma assistência mais adequada á prática.

Conforme Bortolin (2014) descreve que o contrário do que muitas pessoas pensam, o potencial da Terapia Assistida por Animais não está no simples fato de levar o animal até as pessoas. Os pacientes são avaliados, objetivos são estabelecidos, ocorrendo assim um aumento da motivação para alcançar resultados positivos, pois acredita-se que com a presença do animal e o vínculo com o terapeuta ocorre com maior facilidade do que com os tratamentos convencionais.

A Terapia Assistida por Animais pode ser aplicada em várias faixas etárias e em diferentes contextos visto que este contato traz inúmeros benefícios, tanto para o homem como para o animal. Podem ser usados em qualquer ambiente, como hospitais e asilos, assim como nos mais diversos distúrbios físicos ou mentais, o que gera uma grande diversidade como uso terapêutico. (NOGUEIRA e NOBRE, 2015).

Inúmeras são as contraindicações para o uso da TAA, e é preciso respeitá-las para que o processo possa ser satisfatório nos demais casos que ocorre indicação. Desta forma, Dotti (2014) descreve as principais contraindicações:

Quando os animais forem fonte de rivalidade e competição no grupo; quando alguém se torna possessivo e quer o animal só para si, quer adotar”o animal; quando há possibilidade de ocorrência de algum incidente por manuseio inapropriado do animal, ou má seleção, ou mesmo por falta de supervisão; pessoas com problemas mentais que sem perceber podem provocar ou mesmo machucar os animais; pessoas que por ventura se sintam rejeitadas pelos animais e, que até por expectativas não realistas, se sintam ofendidas ou causem baixa estima; alergias ou problemas de respiração; zoonoses-doenças que podem ser transmissíveis entre pessoas e animais; pessoas com feridas abertas ou com baixa resistência devem ser cuidadosamente monitoradas, a participação deve ser restrita; pessoas que tem medo de animais; voluntários ou profissionais que não se identificam com a classe de pacientes e animais. (DOTTI, 2014, p. 34).

Os animais usados na prática da Terapia Assistida por Animais precisam ser respeitados, pois eles fazem parte ativamente da equipe de profissionais ali presentes, e o seu bem-estar deve ser levado a sério. O animal precisa passar por treinamentos com adestradores de forma com que a sua saúde seja preservada. É necessário frisar a importância do animal passar por uma avaliação do médico veterinário para que possa evitar quaisquer problemas a saúde do animal ou paciente. (ADAMI, 2014).

Conforme Dotti (2014) as contribuições podem ser distintas, dependendo dos objetivos e a quem se destina, mas é possível destacar alguns benefícios que podem se estender a qualquer pessoa.

Seguindo com Dotti (2014) os benefícios da TAA podem ser voltados para a parte física podendo ser descritos como uma melhora na mobilidade, relacionada aos estímulos que recebe, melhora da pressão arterial, sensação de bem-estar e uma diminuição da dor, seguindo da melhora da saúde mental como a memória e cognição e no âmbito social, o assistido tem uma diminuição do estado de isolamento, conseqüentemente um alívio do tédio, uma maior comunicação entre os ali presentes, uma socialização mais adequada e um sentimento de segurança.

De acordo com Bertholucci (2016) a TAA aplicada em um contexto institucional para idosos pode trazer inúmeros benefícios. É notória uma recepção positiva dos idosos para com os animais melhorando assim sua socialização com grupo em que está inserido, e conseqüentemente a TAA serviu como um estímulo da comunicação entre eles, melhorando também a memória e causando um aumento da afetividade.

De acordo com Dotti (2014), diversas espécies de animais podem ser utilizadas na TAA, como cães, gatos, cavalos, golfinhos, tartarugas, cavalos e até moluscos. A escolha da espécie diz muito sobre o objetivo a quem se destina. No entanto, o cão continua sendo o mais utilizado. Segundo Kawakami e Nakano (2002) o principal animal utilizado é o cão, pois mostrar-se uma maior afeição pelas pessoas, é facilmente treinado e é capaz de criar mecanismos positivos ao toque, possuindo grande aceitação por parte das pessoas.

No decorrer do trabalho, foi adotado duas modalidades de terapia, por se tratar de modalidades mais usuais. Uma delas é a prática de utilizar o cão com parte integrante do tratamento psicológicos da aprendizagem, interação social, afetividade, que é reconhecido como Cinoterapia. Outra é a Equoterapia, que utiliza do cavalo como apoio aos tratamentos convencionais.

1.2.1 CINOTERAPIA

Para Carvalho (2014) essa técnica vem beneficiando crianças com o transtorno do espectro autista (TEA), aplicando o uso do cão como intercessor no processo terapêutico, e vem sendo executadas atualmente nas áreas da psicologia, fisioterapia, psiquiatria e fonoaudiologia.

Ainda segundo o autor, o cão serve de vínculo entre pacientes e terapeutas, sendo utilizados como mecanismo fundamental para os órgãos sensoriais, sistema límbico e sentido cinestético. A vinculação que se manifesta entre animal e o paciente, faz com que se dediquem a cultivar sentimentos de gentileza, estima, identificação de uma amizade, confiança e compaixão.

De acordo com Caetano (2010) a prática utilizada com crianças que apresentam uma deficiência intelectual, proporciona um tratamento mais afetivo, que busca a atenção da mesma para a terapia com o cão com mais facilidade, pois o animal apresenta à criança um estímulo maior de afeto e uma abordagem individualizada de tratamento, tanto o animal oferece carinho e atenção como recebe o mesmo amor das crianças.

A criança com deficiência intelectual que convive com o animal encontra uma melhora quase que imediata, pois a convivência com o animal possibilita a elaboração das funções físicas e educativas, ocorrendo assim uma socialização da criança e uma possibilidade de maior aprendizado. (CAETANO, 2010).

Conforme Fulber (2011) atualmente, a Cinoterapia tem despertado uma importância maior dos profissionais da psicologia, aderindo terapias com pacientes na presença de cães. Em vista que a repercussão tem sido satisfatória e com validação científica, trazendo assim, o máximo de benefícios para pacientes com impedimentos de falar suas questões, seus traumas, timidez e suas mazelas.

A Cinoterapia tem ocasionado uma grande repercussão de pessoas com problemas psicológicos, a qual um acompanhamento usual não coopera da melhor forma. Os cães tem proporcionado aos pacientes autocontrole, autonomia e conhecimento de si próprio. Nos autistas a prática propicia o avanço na capacidade de se comunicar, embora muitos autistas não se expressem e tem aversão ao toque. A Cinoterapia tem se mostrado benéfica na utilização com idosos, no campo educacional, com adolescentes e crianças, tornando-se uma fonte apoiadora para os psicólogos. (CAETANO, 2010).

O autor ainda descreve que os profissionais da saúde tem utilizado a Cinoterapia para a recuperação da saúde e autoestima de idosos institucionalizados e vários projetos têm levado a ferramenta a hospitais e abrigos para proporcionar um contato com os idosos, trazendo excelentes resultados á saúde e motivação para a vida.

Desta forma, Rodrigues et al. (2012, p.05) destaca ainda vários outros benefícios que a Cinoterapia causa em idosos:

Os idosos em contato com o cão apresentam resultados positivos no que se refere à recopilção física e emocional, pois proporciona motivação para a vida e bem estar. Provoca uma melhora em relação às deficiências visuais e auditivas no momento em que os idosos tiram o foco dessas questões e passam a buscar alternativas para interagir com o cão. Além disso, passam a ter atitudes positivas que aliviam sintomas de estresse e depressão considerando que o organismo humano libera endorfina e serotonina que são hormônios do prazer e com isso diminui a sensação de dor e o mau humor. A produção do hormônio cortisol é inibida e com isso ocorre a redução do nível de estresse, como também reduz a pressão arterial, a frequência cardíaca e estimula a memória e o raciocínio.

Conforme Dotti (2014) é preciso fazer uma avaliação do animal por meio de diversos testes que possam medir: reação do cão frente às possíveis brincadeiras afetuosas ou não, grau de irritabilidade do cão pela insistência de afagos na cabeça, no corpo e na cauda. resistência do cão de médio e pequeno porte quando carregado ou colocado no colo, socialização levando em conta a espontaneidade do cão frente às mais diversas situações e o comportamento do cão com os outros cães participante.

1.2.2 EQUOTERAPIA

Essa nomenclatura diz respeito ao nome dado a terapia com cavalos, onde os relatos desse tratamento perfazem quase um século e até hoje continua sendo desenvolvidos intensamente por vários profissionais. (DOTTI, 2014).

Conforme Faria (2005) a Equoterapia é uma prática antiga e foi reconhecida pelo Conselho federal de Medicina (CFM) em 1997, onde o cavalo auxilia no tratamento de pessoas portadoras de necessidades especiais motoras e mentais. Para Silva (2011) as principais indicações em utilizar a prática são para pessoas com paralisia neuromotoras, transtorno do espectro autista, paralisia cerebral e diversos distúrbios.

Deste modo, Dotti (2014, p. 180) relata que:

Os programas de equoterapia têm formatos para deficiências e problemas de desenvolvimento dos mais diversos tipos de comprometimentos, como paralisia cerebral, problemas neurológicos, ortopédicos, posturais; comprometimentos mentais, como a Síndrome de Down, comprometimentos sociais, tais como: distúrbios de comportamento, autismo, esquizofrenia, psicoses; comprometimentos emocionais, deficiência visual, deficiência auditiva, problemas escolares, tais como distúrbio de atenção, percepção, fala, linguagem, hiperatividade, e pessoas "saudáveis" que tenham problemas de posturas, insônia, stress.

É comum segundo Teixeira (2017) a prática ser utilizada também em pessoas com depressão, transtorno de ansiedade, questões afetivas e sociais, dificuldades de aprendizagem, transtorno de déficit de atenção, hiperatividade e entre outros.

De acordo com Teixeira (2017) aqueles que possuem uma deficiência ou um diagnóstico psicológico, os familiares tendem a enxergá-lo como um sujeito passivo. Montar no cavalo, e em alguns casos, conduzi-lo, amplia suas possibilidades e o coloca como um sujeito ativo em suas escolhas. Dada essa visão, o paciente passa-se a ser chamado de praticante.

O psicólogo na Equoterapia desempenha um papel importante visando à estimulação do paciente, percebendo suas potencialidades e seus limites bem como proporcionando a ele

mecanismos o possibilite uma aproximação com cavalo, bem como a conscientização corporal, autoconfiança, noção de limite, desenvolvimento das funções cognitivas entre outras atividades (SILVA et al. 2016). Para Gonçalves (2007) no ponto de vista psicológico, a Equoterapia tem por objetivo acompanhar e orientar os praticantes e seus familiares.

Para Frare e Volpi (2011) a prática não consiste em ensinar a montar no cavalo. Para Gonçalves (2007) a ferramenta é um método terapêutico que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem ampla, sendo um tratamento complementar na recuperação motora e mental dos praticantes. As sessões são realizadas em grupo, porém o planejamento e o acompanhamento devem ser individuais. O psicólogo realiza registros das atividades desenvolvidas com os praticantes, o trabalho se inicia com a escuta da demanda do praticante.

Na esfera social, a Equoterapia é capaz de diminuir a agressividade, tornar o paciente mais sociável, causando uma melhora de auto-estima, diminuição de antipatias, construção de vínculos de amizade e possibilita o praticante, treinar padrões de comportamento como: ajudar e ser ajudado, encaixar as exigências do próprio indivíduo com as necessidades do grupo, aceitar as próprias limitações e as limitações do outro (CESJCD, 2007).

Para isso, irá trabalhar com aspectos como frustração, rejeição, angústia, carência afetiva, auto-estima, criatividade, noções de atenção-orientação, consciência corporal e relações interpessoais uma vez que:

A Equoterapia propõe ao praticante o contato com a natureza, com o ar, com o próprio cavalo e com outras pessoas, permitindo assim, que o praticante possa vir a desenvolver relações interpessoais e que possa sair do estigma que por ter alguma dificuldade física ou mental, deve ficar dentro de casa, ao contrário, é possível mostrar para a sociedade como é capaz de superar limites e conseguir guiar um animal de grande porte (BUENO e MONTEIRO, 2011, p. 2).

De acordo com a patologia, o equipamento deve ser adaptado. O praticante pode estar montado em selas ou mantas estando em decúbito ventral ou dorsal. Deve-se considerar todas as variantes ao se percorrer os diversos tipos de terreno que podem ser utilizados pela Equoterapia (ROCHA e LOPES, 2003).

Com a ferramenta, pode-se trabalhar o cognitivo do paciente estimulando a sensibilidade tátil, visual, auditiva e olfativa pelo ambiente e pelo uso do cavalo promovendo assim a organização e a consciência corporal, aumentando a auto-estima, facilitando a integração social, motivando o aprendizado, encorajando o uso da linguagem, ensinando a importância de regras e disciplinas e o aumento da capacidade de independência e decisões em diferentes situações (SANTOS, 2005).

De acordo com Carvalho (2014) a terapia assistida por cavalos promove melhorias tanto psicológicas quanto motoras, contudo há necessidade da inclusão de profissionais com

formações diferentes e conhecimentos específicos, pois assim a criança será melhor acompanhada, ou seja, na sua integralidade, com as necessidades específicas que a mesma apresenta.

1.3 HISTÓRICO DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS

A fim de regularizar a Terapia Assistida por Animais, um deputado de São Paulo, cria o projeto de lei nº 4.455, de 2012 que dispõe a utilização da TAA nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados no sistema único de saúde SUS, fazendo com que a TAA faça parte do conjunto das ações de saúde oferecida pelo SUS. Fazendo com que a TAA faça parte do conjunto das ações de saúde oferecidas pelo SUS e seja incluída no atendimento a pacientes necessitados dessa terapia. (BRASIL, 2012).

Segundo Garcia, (2005) a convivência com animais já existe a milhares de anos, com inúmeros motivos. Linhares (2010) enfatiza que essa relação ocorre especialmente com os cães, e pode-se dizer que o cão pode ser utilizado como companhia, estímulo e motivação.

O primeiro registro do uso da Terapia Assistida por Animais ocorreu em **1792** na Inglaterra, no retiro de York, onde William Tuke utilizou animais de fazenda como um agente facilitador em doentes mentais, acreditando que a presença dos animais auxiliaria os pacientes daquela instituição a realizar tarefas do dia a dia. Tuke foi um dos primeiros defensores de um tratamento mais humanizado do que era comum na época, lutando assim para melhorar os cuidados dos chamados insanos. (ALVES, 2012; DOTTI, 2014).

Ainda nessa perspectiva Silva (2011) relata que esse contato estava inserido em uma abordagem multidisciplinar, buscando-se um crescimento psíquico e social. O programa era visto como uma prática alternativa, estimulando potencialidades e assim apresentando uma melhora significativa na qualidade de vida.

No ano de **1830**, na Inglaterra, o hospital Bethem já utilizava animais no tratamento de seus pacientes. Instituições de caridade acreditavam que a presença de animais naquela instituição proporcionava um ambiente mais leve para os pacientes com alterações mentais (DOTTI, 2014).

Em **1867**, na Alemanha, em uma instituição chamada Bethel, animais foram utilizados como apoio a pessoas com epilepsia e na mesma época acontecia a utilização da terapia com animais em pacientes psiquiátricos (SANTOS, 2005).

Em **1942**, foram conhecidos os benefícios da Terapia Facilitada por Animais em pessoas com deficiências físicas e mentais e em **1944 a 1945** em Nova York há registros do

uso de cães, cavalos e animais de fazenda pelas Forças Americanas patrocinado pela cruz Vermelha, para a reabilitação de soldados vindo das guerras e pesquisas foram realizadas por James Bossart onde tratava o papel do animal dentro da família e suas contribuições, principalmente com crianças pequenas. (DOTTI, 2014; NICOLAU e ROCHA, 2007).

Conforme Caçador (2014) esses soldados que viam da guerra era levados a zona rural, onde eram estimulados a conviver com animais ali presentes.

Em **1950** no Brasil, a médica Nise da Silveira que mesmo antes da reforma psiquiátrica, adotou a prática do uso de animais para fins terapêuticos no hospital psiquiátrico Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, acreditando que a presença dos animais fazia com que os pacientes reatassem a relação com realidade e apresentassem uma diminuição do quadro psicopatológico. (CAPOTE e COSTA, 2011).

Silveira acreditava que os pacientes se vinculavam aos cães de forma natural, e que os cães seriam co-terapeutas capazes de se tornar ponto de referencia no mundo externo e que para o paciente esse contato acontecia de forma não invasiva. (LIMA, 2012).

Já em **1960** o psicólogo Boris Levinson a fim de conhecer e compreender a função do animal para a criança, adota a prática da utilização de animais em seu consultório para auxiliar nos atendimentos infantis, acreditando assim, que a criança estaria mais preparada para lidar com crises familiares, já que o animal serve de apoio incondicional, juntamente com uma oportunidade de desenvolver aspecto de independência e elaboração de sua própria identidade (VACCARI e ALMEIDA, 2007).

Manucci (2005, p. 8-9) após observar os benefícios que o animal promovia para o paciente durante a sessão, relatou o seguinte:

Enquanto eu recebia a mãe, Jingles correu em direção à criança e começou a lambê-lo. Para minha surpresa, o menino não se assustou senão que abraçou o cachorro e começou a acariciá-lo. (...) Durante várias sessões brincou com Jingles, aparentemente alheio á minha presença. De qualquer maneira, mantivemos muitas conversações durante as quais estava tão absorto com o cachorro que parecia ainda não conseguir dar respostas coerentes. Finalmente parte do afeto que sentia pelo cachorro recaiu sobre mim e fui conscientemente incluído nos jogos. Lentamente atingimos uma forte compenetração que possibilitou meu trabalho para resolver os problemas da criança.

Leal e Natalie (2007) descrevem que desde as pesquisas ocorridas nos anos **1960** por Boris Levinson, a utilização da TAA diminuiu. Entretanto para Santos e Silva (2016) volta a ocorrer a partir de **1989** até **2015** com a criação de projetos que admitem o animal como parte integrante do tratamento das pessoas e vale ressaltar que alguns desses projetos existem ate hoje, totalizando 29 projetos em são Paulo, onde 22 deles é destinado ao público em geral, sem distinção de idades, 3 atendem apenas crianças, 2 apenas idosos, 1 crianças e

adolescentes e 1 crianças e idosos.

Segundo Juliano et al. (2007), a médica veterinária e psicóloga Hannelore Fuchs, desenvolveu no estado de São Paulo em 1997, o projeto denominado PetSmile, que contou com a colaboração de voluntários e teve como objetivo proporcionar a interação entre os pacientes e os animais. As visitas ocorriam quinzenalmente em hospitais e instituições, onde constatou-se a diminuição de medicamentos, menor incidência de depressão e aumento da sobrevivência a infartos.

De acordo com Santos e Silva (2016) foi criado no ano 2000 os projetos cão idoso e novo guia, ambos em São Paulo e com o intuito de admitir a Terapia Assistida por Animais como parte do tratamento dos pacientes. O projeto novo guia atende públicos em geral, enquanto que o projeto cão idoso é destinado apenas aos idosos e para Heiden e Santos (2012) esse contato com os animais traz melhorias psicológicas, contribuindo com o aumento da alegria, sensação de segurança e distração e desta forma Stumm et al (2012) descreve que há uma melhora significativa no âmbito emocional, trazendo uma maior facilidade de comunicação dos idosos a partir da presença dos animais.

Já em 2008 foi criado o Instituto Nacional de Ações e Terapia Assistida por Animais (INATAA) e o Centro de Reabilitação e Equoterapia Santo André (CRESA) com a intenção de atender um público diferenciado desde a infância até à velhice (SANTOS e SILVA, 2016).

Contudo, segundo Lampert (2014) é importante dar ênfase nas indicações e contraindicações, e nos objetivos a quem se destina. Dentre os benefícios trazidos e conservados pelo instituto INATAA pode-se observar uma diminuição da frequência cardíaca e pressão arterial, melhor coordenação motora e bem estar.

A seguir, no quadro 1 é possível perceber o uso de animais na saúde ao longo dos anos, com seus respectivos períodos, características e data de utilização. O quadro é uma proposta de sistematização do histórico da Terapia Assistida por Animais .

Quadro 1: terapia com a utilização de animais na área da saúde

TÉCNICA E ANO	PAÍS	CARACTERÍSTICAS	ANO [REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA]
Terapia Facilitada por Cães. [1792]	Inglaterra	Animais como agente facilitador com doentes mentais.	1792 [ALVES, 2012; DOTTI, 2014]
Terapia Facilitada por Cães [1830]	Inglaterra	A presença dos animais proporcionava um ambiente mais leve para pacientes.	1830 [DOTTI, 2014]
Zooterapia [1867]	Alemanha	Apoio a pessoas com epilepsia.	1867 [SANTOS, 2006]
Pet Terapia [1942 a 1945]	Nova York	Utilizados com doentes mentais e na reabilitação de soldados vindo das guerras.	1942 a 1945 [DOTTI, 2014; NICOLAU e ROCHA, 2007]
Animais Co-Terapeutas [1950 a 1960]	Brasil	Os animais ajudariam a reatar o contato com a realidade; empregada com intuito de ajudar as crianças a lidar com os problemas familiares.	1950 a 1960 [CAPOTE e COSTA, 2011; VACCARI e ALMEIDA, 2007]
Terapia Assistida por Animais [1997 a 2008]	Brasil	Interação com os animais e crianças com incidência de diminuição das medicações. Diminuição da frequência cardíaca, pressão arterial, melhora na coordenação motora e bem estar.	1997 [JULIANO, 2007] 2000 a 2008 [HEIDEN e SANTOS, 2012; LAMPERT, 2014; SANTOS e SILVA, 2016; STUMM et al 2012]

Para Campos (2007) é possível analisar essa sistematização do histórico sobre a utilização da Terapia Assistida por Animais como instrumento de apoio à psicologia clinica,

pois é possível observar que se trata de uma prática realizada por vários profissionais de várias áreas diferentes ao longo dos anos, que trouxeram muitos benefícios principalmente nas áreas de saúde mental e com crianças. Desta forma, há uma influência positiva com a participação dos animais nas intervenções terapêuticas, e estas devem ser bem aproveitadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho realizado, espera-se divulgar a Terapia Assistida por Animais nos hospitais de Macapá e do interior do estado, como uma ferramenta de apoio à psicologia clínica, através da descrição de seu histórico sintetizado por décadas, e posterior publicação de um artigo científico.

Espera-se também, que o trabalho colabore para um conhecimento mais abrangente, entre os profissionais atuantes na área, os acadêmicos interessados pelo assunto, assim como a sociedade em geral, permitindo ampliar as possibilidades de atuação do psicólogo para além do tratamento convencional.

Quando o ser humano e os animais estão juntos, são encontrados benefícios significativos, facilitando a relação terapêutica, buscando a codificação de diferentes experiências com os animais, de modo a estimular o desenvolvimento de novas tarefas para auxiliar, onde as possibilidades se mostram infinitas, num projeto que está em permanente construção.

É imprescindível que a Terapia Assistida por Animais seja realizada de forma responsável, deixando clara a responsabilidade do profissional e a sua conduta frente a essa prática inovadora. Sobre os resultados diante das pesquisas apresentadas neste artigo, pode-se observar que a Terapia Assistida por Animais existe já vem ocorrendo desde 1792.

Pôde-se constatar que a partir da sistematização do histórico da Terapia Assistida por Animais, evidencia-se a importância da TAA como beneficiadora de milhares de pessoas. A importância da interação, da cumplicidade existente entre homem e animal, é evidenciada no estudo, o que demonstra que tais atividades ou terapias devam ser mais difundidas, estudadas e trazidas aos meios acadêmicos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMI, E.R. **Terapia Assistida por animais (TAA):** Uma prática multidisciplinar de humanização para o benefício da saúde humana. PUCPR, 2014.

ALVES, L.L. **Histórico do uso de animais para fins terapêuticos.** 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de comunicação social da PUC-SP.

BACKES, D.S. et al. **Música:** no terapia complementar processo de humanização de uma CTI. Revista Nursing, v.66, n.6, p.37-42, 2003.

BERTHOLCUCCI, T.B. **O uso da Terapia Assistida Por Animais no cotidiano de idosos institucionalizados.**

Disponível em: <<https://uspdigital.usp.br/siicusp/cdOnlineTrabalhoVisualizarResumomonumeroInscricaoTrabalhoEdicao16>>. Acesso em: 10. Mai. 2017.

BORTOLIN, M.S. **Os animais como aliados nas terapias.** 2014. Disponível em: <https://www.google.com.br/terapiacomanimais.com.br>. Acesso em: 02. Nov. 2017.

BRASIL. Projeto de Lei Nº 4.455.de 2012. **Dispõe sobre o uso da Terapia Assistida por Animais (TAA) nos hospitais públicos, conveniados e cadastrados no Sistema Único de Saúde – SUS.** Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra. Acesso em: 16 de Abril de 2017.

BUENO, R.K. MONTEIRO, M.A. **Significando a prática:** estudantes de Psicologia na Equoterapia, X Salão de Iniciação Científica . PUCRS, 2009.

CAÇADOR, M.C. **Animais fazem a diferença no tratamento de câncer.** Jornal Bom dia, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/141412/000992363.pdf>. Acesso em: 06. Nov. 2017.

CAETANO, E. C. S. **As contribuições da TAA –Terapia Assistida por Animais à psicologia.** 2010. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010.

CAMPOS, C.S. Equoterapia – **O Enfoque Psicoterapêutico com Crianças Down.** 2007. Universidade Católica de Goiás. <http://patastherapeutas.org/wp-content/uploads/2015/07/Equoterapia-e-sindrome-de-down>. acesso em: 18. nov. 2017.

CAPOTE, P.S.O., COSTA, M.P.R. **Terapia Assistida por Animais (TAA):** aplicação no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual. São Paulo: EdUFSCar, 2011.

CARVALHO, I.A. **Cinoterapia como recurso terapêutico para crianças com Transtorno do Espectro Autista:** Uma revisão sistemática da literatura. 2014. Monografia do curso de psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Psicologia Porto Alegre. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/141412/000992363>. acesso em: 10. nov. 2017.

CESJCD (Centro de Equoterapia Soldado Josué Cipriano Diniz). O que é Equoterapia. Noticiário Tortuga. Edição especial equídeos. Ano 53. p.60, nov./dez. 2007.

CHAGAS, M; PEDRO, R. **Musicoterapia desafios entre a modernidade e a Contemporaneidade** - como sofrem os híbridos e como se divertem. Rio de Janeiro: Mauad X: Bapera, 2008. 78 p.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 010, de 20 de outubro de 1997. Estabelece critérios para divulgação, a publicidade e o exercício profissional do psicólogo, associados a práticas não convencionais. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1997/10/resolucao1997_10.pdf.

CRIPPA, A.; FEIJÓ, A.G.S. **Atividade Assistida por Animais como alternativa complementar ao tratamento de pacientes:** a busca por evidências científicas. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo>. Acesso em: 10. Mai. 2017.

DOTTI, J. **Terapia & Animais**. São Paulo: Livrus, 2014.

FARIA, A. **Cão terapeuta**. *Revista Viva Saúde*, ano 2, n.9, jan. 2005. Disponível em: <http://revistavivasaude.uol.com.br/saude-nutricao/9/artigo4707-1.asp/>. Acesso em: 02 Nov. 2017.

FRARE, F.F.; VOLPI, J.H. **Equoterapia, corpo e emoções em movimento**. In: Encontro Paranaense, Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais; XVI, XI, 2011. Anais. Curitiba; Centro Reichiano, 2011. [ISBN – 978-85-87691-21-7]. Disponível em; <<http://www.centroreichiano.com.br/artigos>>. Acesso em: 08 out. 2017.

FREITAS, L.A; et. al. **Musicoterapia como modalidade terapêutica complementar para usuários em situação de sofrimento psíquico**. 2013. Rev enferm UFPE on line., Recife, 7(12):6725-31. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewFile/2950>. acesso em: 20. nov. 2017.

FULBER, S. **Atividade e Terapia Assistida por Animais**. 2011. Trabalho de conclusão em medicina. Faculdade veterinária. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://patasterapeutas.org/wp-content/uploads/2015/07/Atividade-e-terapia-assistida-por-animais>. Acesso em: 20. Set. 2017.

GARCIA, G. No Brasil, **zooterapia ainda é incipiente**. *Viver Mente e Cérebro*, n. 152, set. 2005. Reportagens. Disponível em <http://www2.uol.com.br/vivermente/conteúdo/materia/materia_32html> Acesso em: 16 nov. 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, R.H.R. **Equoterapia e Psicologia:** Um estudo sobre o papel do psicólogo nessa prática. *Psicologia Integrada VIII*, Curso de Psicologia, Instituto de Ciências Humanas, UNIP – Universidade Paulista. Amazonas – Manaus, 2007.

HEIDEN, J; SANTOS, W. **Benefícios psicológicos da convivência com animais de estimação para idosos.** 2012. *ÁGORA* : revista de divulgação científica v. 16, n. 2(A), Número Especial: I Seminário Integrado de Pesquisa e Extensão Universitária. Disponível em: <file:///C:/Users/Acer/Downloads/138-531-1>. acesso em: 14. nov. 2017.

JULIANO, R.S; et. al. **Terapia Assistida por Animais (TAA): Uma Prática Multidisciplinar para o Benefício da Saúde Humana.** 2007. disponível em:[http://www.vet.ufg.br/Bioetica/Terapia assistida por animais](http://www.vet.ufg.br/Bioetica/Terapia%20assistida%20por%20animais). Acesso em 11. Mai. 2017.

KAWAKAMI, C. H.; NAKANO, C. K. **Relato de experiência:** terapia assistida por animais (TAA) - mais um recurso na comunicação entre paciente e enfermeiro. In: Simpósio brasileiro de comunicação em enfermagem, 8, 2002, São Paulo. **Anais do SIBRACEN –8º Simpósio Brasileiro de Comunicação em Enfermagem.** Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, USP, 2002. Disponível em: < <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?lng=pt> >. Acesso em: 08 nov. 2017..

LAMPERT, M. **Benefícios da relação homem-animal.** 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Medicina veterinária. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/104881>. Acesso em: 05.Nov. 2017.

LATTERZA, E. **A importância da psicomotricidade na arte terapia em um hospital oncológico.** São Paulo. 2010. Disponível em: http://www.unifai.edu.br/publicacoes/artigos_cientificos/alunos/pos_graduacao/01.pdf Acesso em 12. Mai. 2017.

LEAL, G. NATALIE, K. 2007. **Animais Terapeutas.** *Revista Mente & Cérebro*, Edição 169.

LIMA, L. L. **A terapia assistida por cães e sua realidade.** PUC-SP. 2012. Disponível em: <https://espacotacaes.wordpress.com/2012/05/25/historico-do-uso-dos-animais-para-fins-terapeuticos-3/>. Acesso em: 30. Nov. 2017.

LIMA, M. B. **Terapia assistida por cavalos em crianças com paralisia cerebral:** uma revisão integrativa. 2016. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LINHARES, D.R. SANTOS, N.C. SILVEIRA, I.R. **Protocolo do Programa de Assistência Auxiliada por Animais no Hospital Universitário.** São Paulo. *Revista enfermagem USP.* 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n1/40.pdf>. Acesso em: 10 Mai 2017.

MACHADO, J.A.C. et. al. **Terapia Assistida por animais (TAA).** *Revista científica eletrônica de medicina-* issn. 1679-7353. www.revista.inf.br – www.editorafaef.com.br – www.faef.br. Ano VI – Número 10 – janeiro de 2008 – Periódicos Semestral. Disponível em:

MANNUCCI, A. **Fazendo amigos.** In: *Revista Viver Mente & Cérebro*, 2005.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica.** 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

NICOLAU, P.F.M; ROCHA, C.R.M. **Afeto que cura**. 2007. Revista mente e cérebro. Ed. 169.

NOGUEIRA, Maria Teresa Duarte; NOBRE, Márcia Oliveira. **Terapia assistida por Animais e seus benefícios**. Maringá. 2015. Disponível em: <http://www.pubvet.com.br/uploads/9e2b280cc36cba3dddaba8b3e4f859be.pdf>: Acesso em: 10. Mai. 2017.

PEREIRA, M.J.F; PEREIRA, L; FERREIRA, M.L. **Os Benefícios da Terapia Assistida dos Animais**: uma revisão bibliográfica. Saúde Coletiva, vol. 4, núm. 14, abril-maio, 2007, pp. 62-66 Editorial Bolina São Paulo, Brasil. Disponível em:

PEREIRA, S. B; FIRMINO, R. G. **Arteterapia na saúde mental**: uma reflexão sobre este novo paradigma. 2010. Disponível em: <http://srvwebbib.univale.br/pergamum/tcc/Arteterapianasaudementalumareflexaosobreestenovoparadigma.pdf>. acesso em: 22. 10. 2017.

PERON, A.P; et. al. **Medicina alternativa II**. Arq. Apadec, 8 (1): 33-39, 2004.

REED, R; FERRER, L; VILLEGAS, N. **Curadores naturais**: uma revisão da terapia e atividades assistidas por animais como tratamento complementar de doenças crônicas. Rev. Latino-Am. Enfermagem [Internet]. Maio-jun. 2012 [acesso em: 16-04-2017].

REIS, A.C. Arteterapia: A arte como instrumento no trabalho do psicólogo. 2014. Psicologia, ciência e profissão. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v34n1/v34n1a11>. acesso em: 10. Out. 2017.

ROCHA, C.R.F; LOPES, M.L.P. **Fisioterapia aplicada à Equoterapia** . In: ANDE BRASIL. Associação nacional de Equoterapia . 2003.

RODRIGUES, V; et. al. **Velhice e institucionalização**: intervenção psicológica por meio da cinoterapia. 2012. Trabalho de pesquisa e extensão. Santa Maria, RS, Brasil. Disponível em: <http://www.unifra.br/eventos/sepe2012/Trabalhos/6637>. Acesso em: 20. nov. 2017.

SANTOS, A.R.O; SILVA, C.J. **Os projetos de terapia assistida por animais no estado de São Paulo**. 2016. Rev. SBPH. União das Faculdades dos Grandes Lagos - UNILAGO, São José do Rio Preto, SP. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pi >. acesso em: 20 nov. 2017.

SANTOS, S. L. M. **Fisioterapia na equoterapia**: análise de seus efeitos sobre o portador de necessidades especiais. São Paulo: Idéias e Letras, 2005.

SILVA, J.M. **Terapia Assistida por Animais**. (Revisão de Literatura). 2011. 39p. Monografia (Conclusão do curso de Medicina Veterinária) – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Patos, 2011. Disponível em: http://www.cstr.ufcg.edu.br/grad_med_vet/JucianaMigueldaSilva/TearapiaAssistidaporAnima is. Acesso em: 30. Nov. 2017.

SILVA, J.M; et. al. **A importância da psicologia na prática da equoterapia.** 2016.Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA6_ID9_13102016145449. acesso em: 11. nov. 2017.

STUMM, K.E.**Terapia assistida por animais como facilitadora no cuidado a mulheres idosas.** Rev Enferm UFSM 2012 Jan/Abr;2(1):205-212. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/2616>. acesso em: 20. nov. 2017.

TEXEIRA, A. M. **O que é equoterapia?.** São Paulo. 2017. Disponível em: <http://www.psicocast.com.br/o-que-e-equoterapia/06/>. Acesso em: 02. Nov. 2017.

VACCARI, A, M, H. ALMEIDA, F. A. **A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas.** Einstein 2007; 5(2): 111-6.

VASQUES, M. P. C. F. **A arteterapia como instrumento de promoção humana na saúde mental.** 2009. 87 f. Dissertacao (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Medicina de Botucatu, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/98472>>. Acesso em: 22.10.2017.

ZANETTI, C.E. **O Acompanhamento Terapêutico (AT) no hospital geral: Música e Psicologia aplicada à saúde.** Rev. SBPH, Rio de Janeiro , v. 11, n. 1, p. 49-59, jun. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516 >. acesso em: 23 out. 2017.